

Dialéctica Viral

Viral Dialectics

Resumo

Parto de duas perguntas sobre a pandemia de Covid-19. O que revela sobre nós e sobre realidade que nos rodeia? De que modo transforma as nossas formas de vida e a mundo em que vivemos? Do cruzamento das respostas a estas duas perguntas emergem, em tons ora mais optimistas ora mais pessimistas, os possíveis posicionamentos sobre esta crise. Neste artigo, proponho um mapeamento destas respostas (em diálogos com autores como Žižek, Butler, Latour, Klein, Badiou, Nancy, entre outros) ao mesmo tempo que procuro um modo intempestivo de articular as duas perguntas. A hipótese que proponho, apresentada drasticamente, é a de que a pandemia não é o acontecimento. O acontecimento é a transformação das formas de vida (ou a “torção dos sentidos”, como lhe chamo noutra local) que ela já precipita antes de termos a oportunidade de tirar quaisquer conclusões, práticas ou teóricas, sobre o que a pandemia revela sobre o mundo.

Palavras-chave: pandemia; formas de vida; transformação; pessimismo; optimismo.

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
Contato: jpcachopo@fcs.h.unl.pt

Recebido em: 08/08/2020 Aceito em: 11/08/2020

Abstract

I start with two questions about the Covid-19 pandemic. What does it reveal about us and the reality that surrounds us? How does it transform our forms of life and the world we live in? The multiple interpretations of this crisis, oscillating between optimism and pessimism, emerge from how one intersects the answers to these two questions. In this article, my goal is to map these responses (in dialogue with authors such as Žižek, Butler, Latour, Klein, Badiou, Nancy, among others) while also searching for an untimely way of articulating the two questions. My hypothesis, drastically put, is that the pandemic is not the event. The event is the transformation of the forms of life (or the “twist of the senses”, as I call it elsewhere) that the pandemic already precipitates before one has the opportunity to draw any conclusions, practically or theoretically, about what the pandemic reveals about the world.

Keywords: pandemic; forms of live; transformation; pessimism; optimism.

I

Consideremos duas perguntas sobre a pandemia. O que *revela* sobre nós e sobre a realidade que nos rodeia? De que modo *transforma* os nossos modos de vida e o mundo em que vivemos? Do cruzamento das respostas a estas duas perguntas emergem, em tons ora mais otimistas ora mais pessimistas, os possíveis posicionamentos sobre esta crise. Estas perguntas têm sido levantadas e debatidas à saciedade. É um facto que são incontornáveis. Também por isso, a pergunta que verdadeiramente interessa fazer é outra – a saber: qual o melhor modo de formular aquelas duas perguntas, questionando-se sobre o que há de *revelador* e de *transformador* na pandemia, a fim de cruzá-las de modo intempestivo?

A hipótese avançada neste artigo constitui uma radicalização do pressuposto da segunda pergunta: o pressuposto – que não é consensual – segundo o qual há algo de profundamente transformador nesta crise. Esta radicalização é precedida e acompanhada por uma insistência na primeira pergunta. E também por uma restrição. Interessa-me menos o que a pandemia revela sobre nós do que o que ela revela sobre o mundo. Esta restrição tem um propósito claro: evitar o encaminhamento do debate pandémico para uma reflexão

intemporal sobre a condição humana. Com efeito, tal como há precipitação na ideia de que a pandemia pudesse transformar o mundo da noite para o dia, há preguiça – eis a suspeita – na sugestão de que o “maldito vírus” propiciou a “bendita introspecção” que nos conduzirá à redescoberta do que somos. De reflexões sobre a essência do humano – mais ou menos apimentadas pelo ingrediente do “ser-para-a-morte” – estão a igreja e a academia tão cheios que nem deus nem o diabo conseguem esconder o bocejo.

Há que pôr a tónica, na resposta à primeira pergunta, em que a pandemia revela as enormes desigualdades, fragilidades e contradições que atravessam o capitalismo global. Só assim poderemos responder à segunda pergunta, explorando a hipótese de que a pandemia constitui um abalo civilizacional que está a transformar os nossos modos de vida, de um modo consequente em termos políticos e ambientais.

II

A pandemia – facto curioso, se não notável – emudeceu o filósofo do acontecimento da nossa época. Refiro-me a Alain Badiou. Não que o autor de *Ser e Acontecimento* não tenha escrito sobre a crise pandémica. Na verdade, um texto seu foi um dos ingredientes – um tanto ou quanto sensaborão, diga-se de passagem – da “Sopa de Wuhan”. Mas o filósofo, depois de anunciar que sempre achou que “a situação actual, marcada por uma pandemia viral, não tinha nada de propriamente excepcional”¹, exaspera-se, distrai-se, entedia-se e pouco ou nada diz. A atitude que transparece neste texto é claramente a de alguém que acede a escrever sobre o assunto ao mesmo tempo que desabafa: “bom, já que insistem, direi alguma coisa sobre isto, nomeadamente que não há grande coisa a dizer”.

Eis, pois, um filósofo para quem a pandemia, não sem tornar ainda mais graves muitos dos problemas que já existiam no mundo, não traz nada de novo – e, muito menos, constitui um acontecimento verdadeiramente transformador. Convém clarificar: não creio que faça sentido encarar a pandemia como um acontecimento no sentido badiouano do termo – que, como sabemos, envolve quatro processos de verdade e subjectivação: o amor, a arte, a ciência e a política. Ainda assim, não deixa de me surpreender o desinteresse teórico do filósofo pelo que causa tanto transtorno prático. Dito isto, há algo

1 Alain Badiou, “Sobre a situação epidémica”.

de desarmante na honestidade de Badiou. Ao invés de encaixar a realidade na teoria ou de adaptar a teoria à realidade, Badiou limita-se a reconhecer algo muito simples: tanto quanto, no contexto do seu sistema filosófico, é possível pensar, a pandemia não altera os dados dos problemas.

Na verdade, malgrado o enfado e a impaciência manifestas do seu autor, o texto de Badiou não é nem mais nem menos surpreendente do que tantos outros, de índole mais ou menos filosófica, que foram escritos sobre a crise que estamos a atravessar. Como Pedro Duarte notou, nem Agamben, nem Nancy, nem Žižek, nem Bifo, nem Latour se afastaram das suas intuições matriciais nos textos que escreveram sobre a pandemia. Isto não deve ser lido como uma crítica. Cada pensamento tem os seus conceitos-chave, as suas ideias fixas, as suas personagens conceptuais, que lhe servem de prisma no vislumbre singular dos acontecimentos do presente que testemunham. Neste sentido, reconhecem-se até certas afinidades electivas, por adesão ou rejeição, entre certos pensamentos e certos acontecimento: Deleuze e o Maio de 68, Badiou e a queda do muro de Berlim, Agamben e o 11 de Setembro.

Ora, se um certo elemento de redundância é expectável e compreensível em qualquer esforço intelectual concentrado (na filosofia ou alhures), o que cabe reconhecer é tão-só que há tradições ou constelações teóricas melhor apetrechadas do que outras para pensar o acontecimento pandémico. Neste aspecto, há que reconhecer a importância, para enriquecer o debate em curso, de contributos de autores ligados à biopolítica, ao pós-humanismo, ao pensamento ecológico e ainda hipóteses conceptuais como o “realismo capitalista” de Mark Fisher² ou a “teoria do choque” de Naomi Klein³.

III

No actual contexto, o conceito de “realismo capitalista” surge pertinente na justa medida em que o seu valor descritivo se torna, curiosamente, obsoleto. Quer dizer, a estupefacção que se apoderou do mundo explica-se por contraste com o que o conceito designa: o sentimento generalizado de que é impossível imaginar – e não simplesmente concretizar – uma alternativa coerente ao capitalismo. Como não acontecia desde o 11 de Setembro, assistimos com incredulidade às notícias. Uma sequência de acontecimentos impensáveis

2 Mark Fisher, *Capitalist Realism: Is There No Alternative?*, Winchester, Zero Books, 2009

3 Naomi Klein, *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*, Toronto: A. A. Knopf, 2007.

desfilou diante dos nossos olhos: fechamento de fronteiras, recuo maciço de produção industrial, cancelamento de actividades de todo o tipo – e tudo isto num muito curto lapso de tempo e um pouco por todo o mundo. A descrição de Bruno Latour parece-me certa:

A primeira lição que o coronavírus nos ensinou é também a mais impressionante: apercebemo-nos de que é possível, em poucas semanas, suspender o sistema económico em todo o mundo ao mesmo tempo, um sistema que, segundo nos diziam, era impossível abrandar ou redireccionar. Para cada argumento de um ecologista acerca da mudança dos nossos modos de vida, havia sempre o argumento inverso sobre a força irreversível do ‘caminho do progresso’ que nada podia deter ‘devido à globalização’. E, contudo, é precisamente o seu carácter global que torna este desenvolvimento tão frágil, tão susceptível de tomar o caminho inverso e sofrer uma interrupção abrupta.⁴

Subitamente, uma dinâmica de decrescimento, que nos era apresentada como pura e simplesmente quimérica no contexto ideológico do “realismo capitalista”, afigurou-se perfeitamente viável. Acordámos no dia seguinte à travagem brusca do sistema económico e – pasme-se – o mundo não acabara. É verdade que não se tornou fácil imaginar uma sociedade pós-capitalista. Mas a perspectiva de um decrescimento global deixou nos parecer mais difícil de imaginar – bem pelo contrário – do que a perspectiva de um crescimento infinito.

Foi este solavanco na epopeia do capitalismo global que motivou as reacções mais optimistas à pandemia, incluindo também as hipóteses de Žižek e Butler. Ambas apontam para o surgimento de uma consciência solidária, embora destoem na sua tonalidade política: a de Žižek, mais revolucionária, apontando para o surgimento de novas formas de cooperação e descrevendo o tal golpe fatal desferido contra o capitalismo; a de Butler, posicionando-se no debate sobre o destino do sistema de saúde nos EUA, no rescaldo dos desaires das campanhas presidenciais de Bernie Sanders e Elizabeth Warren, pondo a tónica em que estas tiveram pelo menos o mérito de reacender o desejo de “um mundo social e económico no qual é radicalmente inaceitável que alguns tenham acesso a uma vacina que salva vidas quando outros precisam ter acesso negado, porque não podem pagar a vacina ou o seguro médico para obtê-la”⁵.

4 Latour, “Protective measures”.

5 Judith Butler, “O capitalismo tem os seus limites”.

Centrando o debate em questões ambientais, também Latour estabelece um nexa entre o abalo da pandemia e uma benéfica alteração de consciências. Comparando a propagação de um vírus à propagação de uma ideia, o filósofo e sociólogo francês vai ao ponto de afirmar que ele nos fornece “um modelo de contaminação” e que é uma “demonstração notável da teoria da rede”. Pois, sendo verdade que “as grandes questões climáticas podem fazer os indivíduos sentirem-se pequenos e impotentes [...], o vírus dá-nos uma lição: espalhando-se de boca em boca, é possível viralizar o mundo muito rápido”⁶.

Seguindo uma linha de raciocínio próxima de Latour, e evocando também o trabalho de Isabelle Stengers, Jordi Carmona Hurtado arrisca mesmo a ideia segundo a qual o SARS-CoV-2 – o verdadeiro nome do inimigo que hoje cerca e invade os nossos corpos – se pode transformar num aliado. Importa “reconhecer as virtudes do inimigo”, afirma, “pois esse é um evento que também está agindo como uma espécie de estranho aliado ecológico.” Por um lado, como também Markus Gabriel sugeriu, a pandemia pode ser interpretada como uma reacção imunitária do próprio planeta. Por outro lado, ele constitui um alerta, dando à humanidade a oportunidade, porventura derradeira, de arrear caminho:

*[A] terapia de choque da pandemia está conseguindo algo que nenhuma campanha ecológica havia conseguido: que entremos, por fim, numa dinâmica de decrescimento, sem a qual, é necessário lembrar, estávamos nos lançando de cabeça e a toda a velocidade em direcção ao colapso. E os efeitos felizes desse decrescimento começa a ser sentidos em nosso entorno: pássaros cantam de novo no coração das grandes cidades onde antes só grunhiam os carros, os céus eternamente escurecidos pela fumaça das fábricas se abrem, a água dos rios e canais volta a ser transparente, javalis se apinham em avenidas desertas. A vida não humana começa muito lentamente a celebrar seu jubileu.*⁷

6 Bruno Latour, “This is global catastrophe that has come from within” (entrevista com Jonathan Watts), *The Guardian*, 6 de Junho de 2020, <https://www.theguardian.com/world/2020/jun/06/bruno-latour-coronavirus-gaia-hypothesis-climate-crisis>

7 Jordi Carmona Hurtado, “Compor com Gaia (em tempos de coronavírus)”, trad. Clarissa Xavier, Belo Horizonte, Chão da Feira (Cadernos de Leitura n.º 103), 2020, p. 4.

IV

Quem não se deixa entusiasmar pelas alvíssaras cantadas à viralização de boas ideias e ao jubileu da vida é Naomi Klein. Para a autora de *Shock Doctrine*, a pandemia pode realmente conduzir a mudanças significativas na organização das nossas sociedades, mas não é de todo claro que estas mudanças sejam para o melhor. Ainda os corpos estavam quentes e já se reuniam os agentes interessados em transformar a calamidade numa oportunidade de negócio. Num artigo centrado na situação em Nova Iorque, onde o governador Andrew Cuomo anunciou o envolvimento do antigo CEO da Google, Eric Schmidt, e da Fundação Bill e Melinda Gates numa comissão recém-formada com o fito de reimaginar o futuro daquele estado norte-americano após a pandemia, a autora reflecte sobre como empresas como a Google, a Apple e a Amazon estão a aproveitar a crise sanitária para avançar as suas agendas e fazer valer os seus interesses. No entendimento de Klein, a pandemia revela não só a fragilidade mas também, e sobretudo, a agilidade, a resiliência e a mutabilidade predatórias do capitalismo. O futuro que esta espécie de “Screen New Deal” permite entrever, e cujo impacto promete afectar principalmente as áreas da educação e da saúde, é tudo menos risonho:

Este é um futuro no qual, para os privilegiados, quase tudo é entregue ao domicílio, ou virtualmente através de tecnologia de streaming e cloud, ou fisicamente por meio de veículos sem condutor ou drones [...]. É um futuro que emprega muito menos professores, médicos e condutores. Não aceita dinheiro nem cartões de crédito (a pretexto do controlo do vírus) e tem transportes públicos esqueléticos e muito menos arte ao vivo. É um futuro que declara ser conduzido por “inteligência artificial” mas é ao invés mantido em funcionamento por dezenas de milhões de trabalhadores anónimos [...]. É um futuro no qual cada movimento, cada palavra, cada relação pode ser localizável, rastreada e minada no seu conteúdo por colaborações inéditas entre governos e empresas gigantes de tecnologia.⁸

Klein sublinha que não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de democratizar as decisões sobre o seu uso. O desafio, neste contexto, passa por uma intervenção muito clara no espaço público, capaz de denunciar os abusos das

8 Naomi Klein, “Screen New Deal”, *The Intercept*, 8 de Maio de 2020.

empresas e dos governos e mobilizar o espírito crítico da sociedade atordoada pelo choque pandémico. Deste ponto de vista, as ideias da autora podem até convergir com as expectativas daqueles e daquelas que surpreendem um nexos entre o choque pandémico e a emergência de uma nova consciência política e ambiental à escala internacional. Simplesmente, segundo Klein, esta consciência tem de ser fomentada ao arpejo do atordoamento geral.

Há um outro aspecto em que o optimismo pandémico tropeça no seu próprio entusiasmo: na suposição de que a viralização de boas ideias, dando-se cada vez mais à escala global, corresponde a uma adesão duradoura e genuína a elas. De facto, a pandemia transportou-nos para o plano global de uma forma inédita. Nem as guerras mundiais nem as anteriores crises financeiras foram globais como esta pandemia. Mais até do que a queda das torres gémeas (cujas consequências se tornariam globais mas cujo foco esteve inicialmente circunscrito geograficamente), a pandemia do novo coronavírus foi o primeiro trauma que a humanidade experimentou na sua globalidade de modo sincrónico. Subitamente, preocupava-nos a situação noutros cantos do planeta. O vírus que nos separava (localmente) também nos aproximava (globalmente). Sentíamos – foi isso que pressentiram e acentuaram as perspectivas mais optimistas – que uma nova sensibilidade global assomava nas consciências individuais. Ora, se é fundamental acentuar a globalidade desta crise, é igualmente fundamental reflectir sobre o sentido dessa globalidade e averiguar o modo como nos posicionamos, intelectual e afectivamente, perante ela.

Desde logo, por mais que enfrentemos a mesma tempestade – para recordar uma das metáforas mais populares dos últimos meses –, não estamos no mesmo barco. Ou estamos no mesmo barco, mas ocupamos sectores muito distintos do mesmo, sendo fácil supor o que sucede em caso de naufrágio e escassez de coletes salva-vidas. A pandemia, como David Harvey notou, “exibe todas as características de uma pandemia de classe, de género e raça”⁹. A catástrofe não se abateu com a mesma gravidade sobre países pobres e países ricos; não afectou da mesma forma populações desfavorecidas e privilegiadas; não se repercute da mesma maneira na vida de mulheres e de homens; não causa o mesmo transtorno no quotidiano de quem vive na periferia e trabalha no centro da cidade e de quem pode facilmente trabalhar remotamente. E, entendamo-nos, a “catástrofe” da ruptura de *stock* de papel higiénico é uma piada de mau gosto se comparada com a falta de água potável que afecta mais regiões do planeta do que supomos. Não há como compreender o que esta

9 David Harvey, “Política anti-capitalista em tempos de Coronavírus”, *Sopa de Wuhan*.

pandemia significa sem salientar este ponto: que a pandemia revelou, no próprio momento em que a sua globalidade se torna patente, as desigualdades que estrangulam o nosso planeta.

Todavia, a questão não é apenas que não estejamos no mesmo barco. A questão é também que, não estando no mesmo barco, e tendo perfeita noção disso, só nos comove a situação noutros pontos do planeta – só persiste em nós a tal sensibilidade global – no momento em que nos supomos vulneráveis. Passado o susto inicial, dissolvem-se os bons sentimentos. Não desaparece a noção das desigualdades que afectam o planeta, mas o alheamento reconquista o terreno perdido. Deste ponto de vista, a pandemia revela não só as desigualdades e contradições que atravessam o mundo mas também as dificuldades que enfrenta a emergência – no enlace de pensamento, sentimento e imaginação – de uma verdadeira consciência global.

V

Distantes em tantos debates, Rancière e Badiou convergem na rejeição do optimismo pandémico. Rancière manifesta cepticismo em relação à hipótese de que a pandemia pudesse constituir uma “boa oportunidade” para ultrapassar o capitalismo¹⁰. Badiou vai mais longe, declarando que é preciso “levar a cabo uma crítica feroz de toda e qualquer ideia segundo a qual fenómenos como uma epidemia abrem *por si mesmos* seja o que for de politicamente inovador”¹¹. Têm ambos razão em sublinhar que só a acção humana é veículo de transformação política.

Contudo, neste contexto, sendo claro que Badiou e Rancière visam implicitamente a alguns dos autores referidos acima, cabe acrescentar que nem Žižek, nem Butler, nem Latour acreditam que a transformação do real se dará por obra e graça de um qualquer vírus. Qualquer um deles tem a perfeita noção de que é em virtude de uma alteração da consciência do real que se pode dar uma transformação do real. É porque a pandemia revela as contradições do mundo – a falência do capitalismo, o descalabro ecológico do planeta, a precariedade dos equilíbrios políticos, sociais e económicos em todo o mundo – que ela permite, admitindo que esta consciência dê lugar a acções, conceber algum tipo de transformação.

10 Jacques Rancière, “Uma boa oportunidade?”

11 Alain Badiou, “Sobre a situação epidémica”.

Onde os optimismos de Žižek, Butler e Latour pecam não é, portanto, em descuidarem uma articulação dialéctica entre a consciência (subjectiva) da realidade e a transformação (objectiva) dessa realidade. Eles não a perdem de vista, sendo por isso que põem a tónica em que também as boas ideias se podem tornar virais. Onde eles pecam é no modo ingénuo como concebem esta “dialéctica viral”. Por um lado, imaginam um contágio por boas ideias mais efectivo e mais duradouro do que é lícito considerar provável (foi o que vimos acima). Por outro lado, passam ao lado de que a pandemia já está a transformar os nossos modos de vida e que a reflexão sobre a possível e desejável contaminação por boas ideias tem de ter essa transformação em conta.

A imaginação – o conjunto de ideias através das quais relanceamos o necessário, o provável e o possível – preside à transformação do mundo. Contudo, é a própria imaginação que há-de presidir à transformação do mundo que sofreu um abalo. Neste sentido, as análises mais pessimistas de Naomi Klein ou Byung-Chul Han, pondo a tónica no impacto de tecnologias digitais na nossa consciência, revelam-se salutares. Não se trata de ceder ao pessimismo, mas de permanecer optimista sem ingenuidade, não ignorando que as medidas tomadas para conter a pandemia já estão a transformar o modo *como* somos.

VI

Há desespero no ar – não um desespero *de facto* mas um desespero *de jure*. A ameaça é tanto a da contaminação do vírus quanto a da obsolescência das nossas formas de vida. As transformações que possam sobreviver no mundo são inseparáveis das transformações no modo como sentimos, pensamos e agimos.

É também por este motivo que o encaminhamento da discussão sobre o que há de revelador na pandemia para uma reflexão sobre a condição humana se releva insuficiente. A pandemia e os sentimentos de solidão e vulnerabilidade por ela suscitados teriam reposto em cima da mesa as questões que nos levam a reconhecer-nos no que somos: na relação com o tempo, na dependência dos outros, no reconhecimento da mortalidade. A humanidade – quer dizer, a humanidade que se pode dar a esses luxos – teria entrado num desses retiros meditativos cujo propósito é a redescoberta de si mesmo. A pandemia seria, para citar o pastor de serviço por bandas lusas, “uma oportunidade para nos reencontrarmos”¹².

12 José Tolentino Mendonça, “Redescobrir o poder da esperança”, *Expresso*, 22 de Março de 2020.

É verdade que algumas reflexões sobre a condição humana, ligando-a ao sentido da comunidade, apostam na politização do debate, não estando, nesse aspecto, distantes das hipóteses de Žižek ou Butler. É o caso das reflexões de Jean-Luc Nancy, para quem o vírus “nos coloca em pé de igualdade e nos assemelha na necessidade de enfrentá-lo juntos”, podendo ajudar-nos a penetrar “na natureza da nossa comunidade”¹³ ou de Tomás Maia, que insiste em que a pandemia revela não só a nossa condição mortal mas também a privatização das condições da nossa vida em comum, desde o ar que todos e todas respiramos aos cuidados de saúde que todos e todas requeremos, pondo a nu “a falência ética e sanitária de um sistema económico-financeiro – o capitalismo – que só pode tratar a saúde (também a saúde) como uma mercadoria e, em todos os sentidos da palavra, uma *salvação* privada”¹⁴.

O problema destas estratégias argumentativas é que a remissão para o sentido da comunidade que o reconhecimento da nossa condição mortal comum implicaria, embora fortaleça o argumento político no plano normativo, enfraquece-o no plano descritivo. Ora, não há como ignorar, como Paul Preciado assinalou, que “estamos a passar de uma sociedade da escrita para uma cibersociedade, de uma sociedade orgânica para uma sociedade digital, de uma economia industrial para uma economia imaterial”¹⁵ ou, como José Gil reconheceu, que a pandemia surge como “agente mediador” entre dois tipos de sociedade e de subjectividade, acelerando a “passagem de uma fase histórica do capitalismo (o capitalismo industrial-financeiro) [...] para uma outra fase em que se procuram os ajustamentos necessários entre as exigências económicas e as subjectividades que, em todos os domínios, do teletrabalho às práticas de lazer, lhes correspondam adequadamente.”¹⁶

Em suma, a politização do debate sobre as consequências existenciais e comportamentais, logo também éticas e políticas, da pandemia deve dar-se, não denegando as transformações que afectam a condição humana, mas combatendo no interior da tempestade que elas constituem. É a ética do *homo*

13 Jean-Luc Nancy, “Comunovírus”, trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback, *Pensar o tempo* (blog). Este artigo apareceu originalmente em *Libération*, 25 de Março de 2020.

14 Tomás Maia, “O comum dos mortais (pensar a quarentena mundial)”, *Revista Dobra*, p. 7.

15 Paul Preciado, “Aprendendo com o vírus”.

16 José Gil, “A pandemia e o capitalismo numérico”, *Público*, 12 de Abril de 2020.

digitalis, como se lhe refere Byung-Chul Han¹⁷, que importa politizar. Opor o “dever ser” de um recuo a um modo de vida “mais orgânico” ou “menos virtual” anterior à revolução digital é tão absurdo hoje como era, nos tempos de Marx, opor o “dever ser” de um recuo a um modo de vida “mais natural” ou “menos alienado” anterior à revolução industrial. O desafio que se nos coloca, delineou-o com precisão Paul Preciado:

Como o vírus sofre mutação, se queremos resistir à submissão, também devemos sofrer mutações.

É necessário passar de uma mutação forçada para uma mutação deliberada. Devemos nos reapropriar criticamente das técnicas biopolíticas e de seus dispositivos farmacopornográficos. Antes de tudo, é imperativo mudar a relação de nossos corpos com as máquinas de biovigilância e biocontrole: elas não são apenas dispositivos de comunicação. Temos que aprender coletivamente a alterá-las.¹⁸

VII

Ascende a mais de meio milhão – escrevo em Julho de 2020 – o número de mortes declaradas, à escala mundial, por Covid-19. É muito provável que este número ultrapasse a barreira do milhão até ao final do ano. Estes dados e estas previsões são indiscutivelmente preocupantes. Não obstante, podem e devem ser comparados com outros números. Segundo a Organização Mundial de Saúde, morreram, só em 2019, 52 milhões de pessoas de pobreza ou de doenças causadas pela pobreza. Há cerca de um século, logo depois da 1ª Guerra Mundial, a Gripe Espanhola vitimou 17 e 100 milhões de pessoas (segundo as estimativas mais optimistas e mais pessimistas). Estamos a falar de um valor entre 1% e 5,4% da população mundial, que era de cerca 1.800 milhões de pessoas na época. No que toca à presente pandemia, o número de vítimas situa-se entre os 0,005% e os 0,01% da população mundial.

Por que razão refiro estes números? Não se trata, como é óbvio, de desvalorizar a gravidade da doença. Trata-se, simplesmente, de tornar patente que, se esta pandemia está a abalar o mundo, não é por causa da letalidade

17 Byung-Chul Han, *No Enxame: Reflexões sobre o digital*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio d'Água, 2016

18 Paul Preciado, “Aprendendo com o vírus”, *Sopa de Wuhan*.

do vírus, mas devido à percepção da sua ameaça e da sua capacidade de propagação e às consequências das medidas tomadas para contê-lo. Se, por uma qualquer razão insondável, o mesmo SARS-CoV-2, ou um vírus bem mais letal, não tivesse chegado aos países mais desenvolvidos, mais ricos e mais privilegiados do mundo, estaríamos a falar, mesmo que o número de mortos fosse muito superior, de notícias desagradáveis e não de um acontecimento catastrófico. Só compreendendo isto poderemos cruzar criticamente as questões sobre o que esta pandemia tem de *revelador e transformador*.

A pandemia não revela apenas as desigualdades que atravessam o mundo. Mostra também o modo como naturalizamos essas desigualdades e evidencia a necessidade e a dificuldade de uma consciência global. Mas a pandemia revela ainda, considerando que as medidas tomadas não só não evitam os mortos que se multiplicam como também não previnem a crise económica e social que se avoluma, a gritante fragilidade da engrenagem sobre a qual o capitalismo global erige o seu castelo de cartas. Tudo está interligado: pessoas, mercadorias, informação, ideias e afectos. Esta interligação, fundamental à lógica capitalista, revelou-se o seu calcanhar de Aquiles.

A pandemia revela tudo isto. Contudo, antes de termos a oportunidade de tirar quaisquer conclusões teóricas ou de fazer quaisquer planos práticos, ela já está a transformar as nossas vidas. Sentimo-nos desorientados. A balança em que pesávamos normalidade e excepção perdeu o fiel. Desnorтеou-se, de um modo inédito na história da humanidade – pois esta é a primeira catástrofe da era pós-digital – a noção do próximo e do distante. Daí a hipótese: a pandemia não é o acontecimento. O acontecimento, antes de uma qualquer revolução ou involução futuras, é a transformação dos modos de vida – assumindo a forma de uma torção dos sentidos que nos ligam ao mundo – que ela precipita.

Esta hipótese é talvez menos hiperbólica do que parece à partida. O vírus não mudou a humanidade. Tão-pouco revelou a sua essência. Não derrubou o capitalismo. Não salvou o planeta. Já o modo como entendemos o mundo e nos reconhecemos nele sofreu um abalo como há muito não se via. A pandemia não mudou *o que* somos mas *como* somos. O modo como vivemos, pensamos, desejamos, imaginamos e agimos está a sofrer uma metamorfose. É no meio e diante desta metamorfose que importa tomar posição.

Referências

- BADIOU, Alain. “Sobre a situação epidémica”. *Sopa de Wuhan*.
- BUTLER, Judith. “O capitalismo tem os seus limites”. *Sopa de Wuhan*.
- CARMONA HURTADO, Jordi. “Compor com Gaia (em tempos de coronavírus)”. Trad. Clarissa Xavier. Belo Horizonte: Chão da Feira (Cadernos de Leitura nº 103), 2020.
- FISHER, Mark. *Capitalist Realism: Is There No Alternative?* Winchester: Zero Books, 2009.
- GIL, José. “A pandemia e o capitalismo numérico”. *Público*, 12 de Abril de 2020.
- HAN, Byung-Chul. *No Enxame: Reflexões sobre o digital*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa, Relógio d'Água, 2016.
- HARVEY, David. “Política anti-capitalista em tempos de Coronavírus”. *Sopa de Wuhan*.
- KLEIN, Naomi. *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*. Toronto: A. A. Knopf, 2007.
- KLEIN, Naomi. “Screen New Deal”. *The Intercept*, 8 de Maio de 2020.
- LATOUR, Bruno. “Protective measures”. http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-ENGLISH_1.pdf.
- LATOUR, Bruno. “This is global catastrophe that has come from within” (entrevista com Jonathan Watts). *The Guardian*, 6 de Junho de 2020, <https://www.theguardian.com/world/2020/jun/06/bruno-latour-coronavirus-gaia-hypothesis-climate-crisis>.
- MAIA, Tomás. “O comum dos mortais (pensar a quarentena mundial)”, *Revista Dobra*, p. 7.
- NANCY, Jean-Luc. “Comunovírus”. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback, *Pensar o tempo (blog)*. Este artigo apareceu originalmente em *Libération*, 25 de Março de 2020.
- PRECIADO, Paul. “Aprendendo com o vírus”. *Sopa de Wuhan*.
- TOLENTINO MENDONÇA, José. “Redescobrir o poder da esperança”. *Expresso*, 22 de Março de 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. “Uma boa oportunidade?”. *El Salto*.